

DIÁLOGO HISTÓRICO ENTRE ARTE E ARTETERAPIA NO CONTEXTO TERAPÉUTICO

Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres¹
Márcia Cristina Maesso²

Resumo: Este trabalho foi norteado pela trajetória histórica do surgimento da arte e/ou da Arteterapia no contexto terapêutico, almejando entender a intersecção desses saberes. O artigo teve como principal contributo preencher a lacuna da sistematização e da sintetização da evolução histórica da Arteterapia, destacando a sua especificidade no Brasil. Apresentou, inicialmente, o contexto histórico da arte e/ou da Arteterapia mundial e, posteriormente, brasileiro, sempre com a interconexão com os enfoques terapêuticos. A história da intersecção entre arte e terapia, com foco no desenvolvimento da Arteterapia como campo autônomo. Abordagem valiosa no contexto da saúde mental, visto que a arte e/ou a Arteterapia facilitam a expressão do sujeito que tem dificuldade de somente verbalizar seus sentimentos e pensamentos, o que pode ser uma estratégia importante de cuidado, sempre associada ao contexto da clínica terapêutica, similarmente, pode estimular ao sujeito a ser mais ativo no seu processo terapêutico.

Palavras-chave: História da Arteterapia; Arteterapia brasileira; Saúde mental; Revisão histórica; Intersecção arte-terapia.

A HISTORICAL DIALOGUE BETWEEN ART AND ART THERAPY IN THE THERAPEUTIC CONTEXT

Abstract: This work was guided by the historical trajectory of the emergence of art and/or art therapy in the therapeutic context, aiming to understand the intersection of these fields of knowledge. The article's main contribution was to fill the gap in the systematization and synthesis of the historical evolution of art therapy, highlighting its specificity in Brazil. It initially presented the historical context of art and/or art therapy worldwide and, subsequently, in Brazil, always interconnected with

¹ Arteterapeuta (UBAAT nº 02/001/0301), Profa. do Curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências e Tecnologia em Saúde/UnB. Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGPsICC/UnB). Mestre e Doutora em Enfermagem Psiquiátrica - USP (Brasília, DF, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/9601473625455733>. <https://orcid.org/0000-0001-5819-6120>. aclaudiaval@unb.br

² Psicanalista, Profa. do Departamento de Psicologia Clínica IP/UnB e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGPsICC/UnB). Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Política e Clínica. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - EPFCL-Brasil e Fórum Brasília. Pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Université Côte d'Azur, Université de Rouen Normandie e Universidade de Brasília. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica - USP (Brasília, DF, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/7151249685318679>. <https://orcid.org/0000-0003-1413-2998>. maessomc@gmail.com

therapeutic approaches. The history of the intersection between art and therapy was explored, focusing on the development of art therapy as an autonomous field. This approach is valuable in the context of mental health, since art and/or art therapy facilitate the expression of individuals who have difficulty simply verbalizing their feelings and thoughts, which can be an important care strategy, always associated with the context of clinical therapy. Similarly, it can encourage individuals to be more active in their therapeutic process.

Keywords: History of art therapy; Brazilian art therapy; Mental health; Historical review; Intersection of art-therapy.

UN DIÁLOGO HISTÓRICO ENTRE EL ARTE Y LA ARTETERAPIA EN EL CONTEXTO TERAPÉUTICO

Resumen: Este trabajo se guió por la trayectoria histórica del surgimiento del arte y/o la arteterapia en el contexto terapéutico, con el objetivo de comprender la intersección de estos campos de conocimiento. La principal contribución del artículo fue llenar el vacío en la sistematización y síntesis de la evolución histórica de la arteterapia, destacando su especificidad en Brasil. Inicialmente presentó el contexto histórico del arte y/o la arteterapia a nivel mundial y, posteriormente, en Brasil, siempre interconectado con los enfoques terapéuticos. Se exploró la historia de la intersección entre el arte y la terapia, centrándose en el desarrollo de la arteterapia como un campo autónomo. Este enfoque es valioso en el contexto de la salud mental, ya que el arte y/o la arteterapia facilitan la expresión de personas que tienen dificultad para simplemente verbalizar sus sentimientos y pensamientos, lo que puede ser una importante estrategia de cuidado, siempre asociada al contexto de la terapia clínica. De igual manera, puede alentar a las personas a ser más activas en su proceso terapéutico.

Palabras clave: Historia de la arteterapia; Arteterapia brasileña; Salud mental; Revisión histórica; Intersección del arte-terapia.

“As imagens produzidas no fazer artístico são assim abordadas como em um procedimento psicanalítico, podendo ser ligadas a conteúdos de sonhos, fantasias, medos, memórias infantis e conflitos atuais vividos pelo sujeito” (Reis, 2014, p.150).

Introdução

O texto buscou realizar um diálogo histórico da intersecção entre arte e terapia, com foco no desenvolvimento da Arteterapia como campo autônomo. O que representa uma ferramenta fundamental e básica para que arteterapeutas e simpatizantes possam compreender, especialmente, a evolução da Arteterapia no Brasil e no mundo. O objetivo geral do presente trabalho foi de sintetizar e organizar a trajetória histórica da arte-terapia e não simplesmente de realizar nova pesquisa empírica. Assim, o artigo teve como principal contributo preencher a lacuna da sistematização e da sintetização da evolução histórica da Arteterapia, destacando a sua especificidade no Brasil.

A metodologia adotada foi a revisão histórica e a bibliográfica, com análise de fontes secundárias. Desta forma, o artigo procurou sintematizar de forma histórica-bibliográfica a arte-terapia, já que a

história da Arteterapia, especialmente no contexto brasileiro, se encontra dispersa em fontes diversas. O artigo foi estruturado com uma breve menção à organização, iniciando pelo contexto mundial, posteriormente pelo contexto brasileiro e, finalmente, por uma discussão dos dados.

Raízes históricas da intersecção entre arte e terapia

O uso da Arteterapia foi empregado, inicialmente, no século XX, ainda que registros do trabalho da arte pelo sujeito tenham sido feito desde as primeiras civilizações, como a pré-História. Assim, foi após a Primeira Guerra Mundial a época em que a Arteterapia se tornou profissão com seu próprio corpo de conhecimento e atuação, em um momento em que se buscava compreender a ser humano, além do pensamento racional (Ciornai, 2004).

As primeiras articulações e pesquisas sobre a relação entre arte e Psiquiatria se deram por meio de alguns autores entre eles, Paul-Max Simon, Cesare Lombroso, Enrico Morselli, Júlio Dantas, Hans Prinzhorn e Fritz Mohr. Em 1876, o psiquiatra francês Paul-Max Simon analisou pinturas de clientes e as categorizou conforme as doenças apresentadas. Já em 1888, o advogado criminalista italiano Cesare Lombroso elaborou análises psicopatológicas das produções gráficas de sujeitos com transtornos mentais. Na mesma época, outros médicos europeus também se interessaram pelas expressões artísticas de sujeitos com transtornos mentais, entre eles, Enrico Morselli (italiano, 1894), Júlio Dantas (português, 1900) e Hans Prinzhorn (alemão, 1900, 1926) (Carvalho; Andrade, 1995).

O psiquiatra alemão Fritz Mohr, em 1906, após comparar desenhos elaborados por sujeitos com transtornos mentais, pessoas consideradas saudáveis e artistas de renome, percebeu que esses desenhos continham histórias e conflitos de vida singulares de cada sujeito. Tal esquisa favoreceu, posteriormente, a criação de testes projetivos em Psicologia e em Psicanálise, da mesma forma, a evolução da Arteterapia mundial (Andrade, 2000).

Os alicerces básicos para o desenvolvimento inicial da Arteterapia, como área específica de conhecimento e atuação, ocorreu no período entre 1920 a 1930, por meio do surgimento tanto da Psicanálise, quanto da Psicologia Analítica, desenvolvidas pelo neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) e pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), respectivamente (Andrade, 2000).

Sigmund Freud, no início do século XX, fundou, de forma revolucionária, a Psicanálise, ao criar o conceito de inconsciente, explorando a subjetividade e as imagens oníricas e pictóricas como elemento diagnóstico e revelador do inconsciente do seu autor, de modo mais direto do que as palavras (Ciornai, 2004). Freud acreditou que algumas produções artísticas eram meios de comunicação simbólica entre terapeuta-cliente, com função catártica, quando liberadas. Segundo os fundamentos de Freud, nas imagens artísticas, assim como nos sonhos, o inconsciente se manifesta, o que pressupõe serem canais efetivos ao inconsciente, uma vez que as imagens se desprenderiam da censura do consciente com mais facilidade do que as palavras (Carvalho; Andrade, 1995).

Na abordagem psicoanalítica, as mediações terapêuticas pela arte e pela criatividade se enquadraram nos fundamentos da epistemologia psicoanalítica, objetivando implementar diversas formas de associatividade, que são difíceis, frequentemente, de serem expressas pela linguagem verbal, bem como da sensório-motora e da associação livre sem intermediação clínica nas técnicas oferecidas. A análise singular e subjetiva do usuário se deriva da observação da dinâmica da linguagem sensorio-motor, além do registro do gesto mimo-gestual, da associatividade afetivo-corporal e da problemática da intersubjetividade - durante à elaboração das produções artísticas. Aspectos esses, que mobilizam formas primárias de simbolização e expõem que o processo de reversão passiva e/ou ativa permite dar vazão às experiências agonísticas e apreender as experiências traumáticas que causam o adoecimento psíquico (Brun, 2022).

Na década de 1920, Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da Psicologia Analítica, inicialmente discípulo de Freud e que, posteriormente, rompeu com ele e elaborou sua própria teoria (Psicologia Analítica), foi quem, propriamente dito, iniciou o uso da expressão artística conectada com a psicoterapia. Jung acreditava que a criatividade artística despertava uma atividade psíquica natural e estruturante (Andrade, 1995).

A atividade terapêutica residia em dar forma e em transformar conteúdos dos inconscientes individual e coletivo em imagens simbólicas pela função transcendente (Silveira, 2015). Ele utilizou desenhos livres, imagens de sentimentos, de sonhos e de situações conflituosas como forma de terapia (Souza, 2025). Assim, Jung acreditava que a livre expressão artística era um facilitador da interação verbal com o sujeito, como forma de auxiliar na organização do caos interior e, simultaneamente, na reconstrução da realidade (Andrade, 2000).

Conforme a teoria junguiana, a energia psíquica só se altera de objeto à medida que se transforma. Jung pressupôs que os sujeitos têm uma disposição inata para representar imagens e ideias semelhantes, que ele designou de arquétipos, que se manifestam em sonhos e em produções de arte, auxiliando no entendimento do comportamento do sujeito. Assim, a evolução da personalidade e a estruturação do pensamento são elaboradas por meio das funções psíquicas inatas aos sujeitos na teoria junguiana, como a atividade artística e a criatividade (Souza, 2025).

Ao mesmo tempo, novas perspectivas para compreender o universo do ser humano eclodiram por meio de movimentos de arte, como o Expressionismo (Alemanha, século XX) — que explorou a subjetividade humana e as emoções; o Cubismo (França, século XX) — que revelou a importância ampliar o repertório dos pontos de vista dos fenômenos; o Dadaísmo (Suiça, 1916) — que valorizou a essência criativa e divina interna do sujeito, contendo memórias, emoções, experiências, traumas e potenciais da infância; o teatro do absurdo (Inglaterra, 1961) que, junto com o Surrealismo (França, 1920) investigaram o imaginário, o inconsciente e a subjetividade humana. Assim, novas linguagens de arte, como, por exemplo, a incongruência, a deformação, a assimetria, a multidimensionalidade, o exagero e as diferentes perspectivas no mesmo trabalho foram mais bem aceitas nas produções artísticas a partir de então (Ciornai, 2004).

Histórico da Arteterapia

Na década de 1940, emergiram três vertentes preliminares da Arteterapia nos Estados Unidos, a saber: a) “A arte em terapia” com Margareth Naumburg; b) “A arte como terapia” – Edith Kramer; e c) “A arte como e em terapia” – Janie Rhyne (Ciornai, 2004).

“A arte em terapia” foi defendida pela norte-americana Margareth Naumburg (1890-1983), que era psicóloga, artista plástica e educadora e a primeira a sistematizar a Arteterapia em 1941 (Andrade, 1995). Defendeu a importância da expressão dos conteúdos e motivações inconscientes para a Educação e para o desenvolvimento da personalidade, dando ênfase à expressão criativa e imaginativa dos estudantes e, posteriormente, expandiu esses conceitos para os campos da Psiquiatria e da Psicoterapia. Publicou o primeiro livro sob o título “Introdução à Arteterapia” (primeira edição em 1947 com outro título e em 1973 reeditado com esse título), por isso ficou conhecida como a pioneira da Arteterapia, além de ter diferenciado o campo específico na área e de ter estabelecido os fundamentos teóricos para o seu desenvolvimento (Ciornai, 2004).

Com seu trabalho, Naumburg trabalhou com orientação psicodinâmica da Arteterapia e utilizou os trabalhos de arte no tratamento psicoterapêutico e psiquiátrico, particularizando o desvelamento dos conteúdos simbólicos expressos nos trabalhos artísticos criados (Andrade, 1995). Focalizou a projeção de conflitos inconscientes por meio de atividades de arte e na compreensão do significado

simbólico velado pelas imagens e, também, por meio de associações livres para obtenção do conteúdo simbólico projetado e de *insights* reveladores da imagética (Ciornai, 2004).

“A arte como terapia” foi legitimada pela austríaca Edith Kramer (1916–2014), que era artista, arte educadora e psicanalista e que centrou seu trabalho no valor terapêutico do processo criativo e do fazer artístico em si, ao trabalhar experimentalmente com filhos de refugiados (crianças traumatizadas). Depois, Kramer se mudou para os Estados Unidos (1939) e publicou artigos e livros diversos sobre o uso da Arteterapia na infância. Seus livros foram intitulados: “Arte como terapia com crianças” e “Arteterapia em uma comunidade de crianças”. Kramer enfatizou, no seu trabalho, a Arteterapia com seus aspectos que visam a desenvolver o senso de identidade e de amadurecimento psíquico de forma geral e do fortalecimento do ego, sem despertar mecanismos de defesa prejudiciais ou fragmentar-se (Ciornai, 2004).

Em contrapartida, “A arte como e em terapia” foi desenvolvida pela norte-americana Janie Rhyne (1913-1995) que era artista e psicóloga. Rhyne enfatizou o processo de criação da linguagem simbólica e das formas e, igualmente, as elaborações e reflexões posteriores sobre as produções artísticas realizadas. Rhyne trabalhou a arte e a gestalterapia com o público infantil e adulto em diversos contextos como os hospitalares, os centros comunitários, em seu próprio estúdio e em clínicas livres com pessoas dependentes de drogas, em diferentes países e cidades. Rhyne lançou o livro intitulado “Arte e gestalt: padrões que convergem” (1973), além de vários artigos sobre o tema. A ênfase do seu trabalho residia em trabalhar o posicionamento fenomenológico e não interpretativo na leitura das produções de arte, ao priorizar a configuração total ao invés das partes isoladas, a integração e o aprendizado advindos do uso da atividade criativa e expressiva pela arte (Ciornai, 2004).

As três vertentes, com nuances diversificadas, introduziram a práxis arteterapêutica e alternativas de tratamento. Hoje se valoriza a arte como e em terapia, ou melhor, tanto a criatividade e o processo arteterapêutico com a produção de imagens artísticas, quanto a relação de sujeito com a obra criada em qualquer linha terapêutica (Valladares-Torres, 2021a).

A primeira associação mundial de Arteterapia a ser lançada foi a Associação Americana de Arteterapia (AATA), fundada em 1969 nos Estados Unidos. Ela é considerada a entidade que definiu a Arteterapia como profissão, inicialmente nesse país e, posteriormente, no mundo, assegurando a Arteterapia como um tratamento terapêutico fundamentado no processo criativo das artes (Ciornai, 2004).

Os dois grandes representantes psiquiatras brasileiros que colaboraram para a fundamentação da Arteterapia brasileira foram Osório César (1895-1979), freudiano e Nise da Silveira (1905-1999), junguiana (Andrade, 2000).

Em 1923, no Hospital do Juquerí, na cidade de Franco da Rocha, em São Paulo, o estudante paraibano Osório César iniciou suas pesquisas sobre a arte aplicada a sujeitos internados (transtornos mentais). Em 1925, inaugurou a Escola Livre de Artes Plásticas dentro do Hospital do Juquerí e publicou trabalhos sobre a expressão artística dos internos do hospital. Osório César valorizou a dignidade humana desses sujeitos e da técnica de Arteterapia por meio de mais de 50 exposições de arte. Dessa forma, foi o precursor brasileiro da análise da expressão artística psicopatológica de sujeitos com transtorno mental internados em hospital psiquiátrico, em um método pautado no referencial psicanalítico (Cesar, 1929; Andriolo, 2003).

Osório César acreditava que as produções de arte incluíam tanto uma camada exterior — contendo a técnica e o estilo do autor, quanto uma camada interior — composta por símbolos que expressavam a fantasia latente dos impulsos inconfessáveis (Andriola, 2003).

Trabalhou com a espontaneidade de criação artística e postulou que o fazer artístico direcionava para a cura, pelo acesso ao mundo interior do sujeito. Também acreditava que a criatividade era inata no

ser humano, independente do seu estado mental, mas que, para os sujeitos psicóticos, as condições sociais os impediam de expressar a criatividade. Para ele, os sujeitos internados poderiam criar imagens do seu cotidiano e da sua interpretação do mundo externo, que refletiam conteúdos do inconsciente, livres do julgamento do Outro, com o objetivo de reorganizar o real (Cesar, 1929).

Já em 1946, no Centro Psiquiátrico Nacional Dom Pedro II, em Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro, a psiquiatra alagoana Nise da Silveira criou a Seção de Terapia Ocupacional e Reabilitação (STOR). Em 1952, inaugurou o Museu de Imagens do Inconsciente, local em que foram conservadas e organizadas as produções de arte dos usuários internos do hospital (Andrade, 2000). Em 1956, Nise da Silveira também inovou, ao fundar uma instituição psiquiátrica em regime aberto com muito cuidado psicoterapêutico, utilizando a arte como ferramenta de intervenção e com recurso limitado de psicofármacos (doses reduzidas e individualizadas) e que visava a reduzir reinternações recorrentes em hospitais psiquiátricos – instituição conhecida como Casa das Palmeiras (Silveira, 2015).

Uma das grandes referências na luta contra o modelo manicomial e revolucionária do tratamento psiquiátrico tradicional foi Nise da Silveira, que valorizou a arte e a criatividade ao invés de tratamentos invasivos e agressivos, como a lobotomia, o eletrochoque, os psicofármacos e as repetidas internações, Nise oferecia materiais e recursos criativos, como tintas, argila e materiais gráficos, entre outros, para seus clientes e, assim, investiu na arte como terapia (Silveira, 2015). Nise também alegou que o sujeito com transtorno mental despontecializava fortes conteúdos emocionais e reestruturava o caos psíquico, ao dar forma às emoções sufocadas, aos desejos e conflitos reprimidos e permitir ao autor simbolizar suas próprias percepções de sua realidade (Carvalho; Andrade, 1995).

Um dos grandes legados de Nise foi atestar o potencial da produção artística em favorecer naturalmente a relação positiva e o diálogo entre terapeuta-sujeito; estimulava processos de subjetivação e de fortalecimento do ego; tinha potência autocurativa; expressava a criatividade de forma livre e verdadeira; auxiliava no desenvolvimento da personalidade como um todo; oportunizava a reorganização mental, independente do resultado estético; além de reatar laços sociais. Na STOR criada por Nise da Silveira, os internos do hospital puderam desenvolver livremente suas capacidades pessoais, visto que tinham o consentimento social para expressar e comunicar pela arte seu mundo externo, sua forma de se posicionar frente à realidade, sem a necessidade de trazer um discurso lógico, articulado, racional e comprehensivo (Lima, 2003).

Em suma, Nise da Silveira, inspirada pela Psicologia Analítica de Jung, acreditava que o fazer artístico, por si mesmo, funcionava como uma ferramenta da psicoterapia não verbal e era utilizada para reorganizar o mundo subjetivo e as relações com a realidade vigente (Silveira, 2015). Além disso, para Nise, a atividade artística era facilitadora de símbolos que emergiam do inconsciente coletivo e que poderiam ser interpretados diretamente pelo psiquiatra, mesmo na ausência de uma psicanálise do sujeito, já que aludiam a esse inconsciente. Nise admitia que a arte em sessão de psicoterapia obtinha, por si mesma, qualidades terapêuticas, ou seja, via o próprio fazer artístico como uma forma de terapia (Lima, 2003). Em contraponto, ela acreditava que as tentativas de diálogo direto, pela palavra, com o sujeito psicótico gerariam grande frustração (Messias, 2020).

Nise, em prol de valorizar o trabalho produzido pelos psicóticos e idealizar novas oportunidades de inserção social, promoveu várias exposições de arte, que ocorreram em Paris, em Roma e em Zurique. Sendo assim, as produções de arte dos internos deixaram de ser um mero sintoma ou um sinal de *déficit*, para se transformarem em criações de símbolos (Lima, 2003), o que representaria a satisfação pulsional validada por meios socialmente aceitos (Messias, 2020).

A implantação do primeiro curso de extensão em Arteterapia, em São Paulo, capital, ocorreu entre os anos de 1980-81, pela psicóloga clínica e professora do Instituto de Psicologia da USP Maria Margarida de Carvalho, junto com outros psicólogos clínicos: Norberto Abreu e Silva Neto e Mônica Serra. Já a inauguração do primeiro curso de aperfeiçoamento e especialização em Arteterapia de

abordagem gestáltica ocorreu em 1990, no Instituto Sedes Sapientiae por meio da psicóloga gestalterapeuta Selma Ciornai (Carvalho; Andrade, 1995).

Em 1982, Angela Pilippini (psicóloga junguiana) criou a Clínica Pomar — clínica social de atendimento, estudo e discussão em Arteterapia na cidade do Rio de Janeiro e, a partir do ano seguinte, abriu cursos de formação na área, que se expandiram para outras regiões do País (Carvalho; Andrade, 1995).

A primeira Associação de Arteterapia brasileira inaugurada, em 1998, foi a carioca, denominada de Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro (AARJ) e, em seguida, vieram outras associações regionais e Estaduais, como a Associação de Arteterapia do Espírito Santo (AARTES) - em 2001, a Associação Brasil Central de Arteterapia (ABC): Goiás, Tocantins e Distrito Federal, em 2003, a Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, em 2004. Entretanto, somente no dia 22 de abril de 2006 a União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT) foi constituída com a finalidade de reconhecer e legalizar a profissão nacionalmente, por meio de uma gestão democrática e representativa, aspectos que norteiam a qualidade profissional dos arteterapeutas, da práxis e do ensino arteterapêutico brasileiro (UBAAT, 2025).

Essa instituição, bastante ativa atualmente, conta com a inclusão de treze associações estaduais, visa a assegurar a qualidade dos profissionais atuantes, os aspectos éticos, a competência de formação curricular no Brasil, com a intenção de: (a) estabelecer indicadores curriculares comuns para cursos de Arteterapia; (b) definir parâmetros para a qualificação de docentes e supervisores em cursos de Arteterapia; (c) criar critérios para o credenciamento de arteterapeutas, assegurando a qualidade dos atendimentos; (d) lutar pela legalização da Arteterapia; (e) estabelecer parcerias significativas com outras associações de Arteterapia mundiais (UBAAT, 2025).

Atualmente a UBAAT conta com Estatuto Social e Código de Ética específicos, e com critérios curriculares mínimos para certificar docentes, coordenadores de curso e profissionais arteterapeutas nas associações regionais e Estaduais. Ao se inscrevem em uma associação de Arteterapia, os arteterapeutas recebem um número de registro, assegurando que este profissional segue as Resoluções da UBAAT (2025).

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) adicionou a profissão de Arteterapia sob n.º 2263-10, em 2014. Foi apresentado na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei PL n.º 3416/2015, que visa a Regulamentar a profissão de Arteterapeuta e dar outras providências, desde 27 de outubro de 2015. Na Câmara dos Deputados, esse projeto já teve aprovação nas Comissões de: Seguridade Social e Família (CSSF) – em 2018; de Trabalho, de Administração e no Serviço Público (CTASP) – em 2022; e de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) – em 2024. Desde então, esse Projeto de Lei (PL n.º 3416/2015) seguiu para ser apreciado no Senado Federal, que após a aprovação do seu parecer, seguirá para sanção ou veto presidencial, com a finalidade final de se tornar lei (Valladares-Torres; Fussi, 2025).

Em conformidade com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), surgiram as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), com o intuito de implementar mecanismos naturais para promoção, prevenção e recuperação da saúde (Brasil, 2006). Em 2017, com a portaria n.º 849, a Arteterapia foi incluída entre outras práticas de saúde pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde (Brasil, 2017).

Daí surge a Arteterapia como um tratamento alternativo para o cuidado com o sujeito, mais humanizado e criativo e menos agressivo e invasivo em saúde mental, alternativo ao tratamento psiquiátrico tradicional, com sustentação epistêmica de alguma linha terapêutica específica. Ela facilita a comunicação do mundo interno dos usuários e explora a expressão e o diálogo de emoções, de sentimentos, de pensamentos inconscientes e verdadeiros de si mesmo (Valladares-Torres; Rodrigues, 2025; Valladares-Torres et al., 2025). As imagens do mundo interno e inconsciente, ao serem expressas e despotencializadas pelas linguagens expressivas (desenho, pintura, colagem,

modelagem, dramatização entre outras), podem tornar-se menos ameaçadoras e mais bem compreendidas pelo próprio participante (Messias, 2020).

Dessa forma, a Arteterapia pode ser uma atividade mais atrativa e menos agressiva para se trabalhar o autoconhecimento e o processo de reflexão sobre a existência pessoal do sujeito e pode ser complementar às terapias convencionais, evitando-se a centralização de cuidados centrados exclusivamente na administração de psicofármacos e/ou hospitalização, especialmente daqueles sujeitos que apresentam sofrimento mental e/ou algum tipo de transtorno mental (Sei, 2011; Valladares-Torres; Silva, 2025a; 2025b).

A Arteterapia pode ser utilizada de forma individual ou grupal, em qualquer idade — desde que tenha a aquiescência dos sujeitos envolvidos — e, em diversos contextos que incluem saúde mental, reabilitação, instituições médicas, legais, de ensino, sociais e privadas, entre outros. Além de objetivar o tratamento em si e/ou o autoconhecimento, pode ser empregada em pesquisas e em avaliações (Valladares-Torres, 2021b; UBAAT, 2025). Independente da forma de uso, a Arteterapia tem constantemente como referência básica alguma linha da Psicologia para orientar a sua condução e análise e entre elas a Psicanálise.

As linguagens expressivas facilitam a abertura e a comunicação com o mundo inconsciente dos sujeitos, além de aliviar tensões, uma vez que, por meio da verbalização, pode ser um meio mais difícil de possibilitar uma verdadeira comunicação com as emoções mais profundas de sujeitos em sofrimento psíquico. Esse aspecto objetiva a promoção da saúde mental, pela viabilidade da recomposição da subjetividade dilacerada, da autonomia do sujeito e do processo terapêutico (Messias, 2020).

Considerações finais

Este estudo analisou o surgimento e a intersecção da arte e da Arteterapia ao longo dos anos. Ancorado nessas prerrogativas, este trabalho, ao contextualizar a arte e/ou a Arteterapia como uma prática de cuidado amplia as possibilidades do processo terapêutico. Isso se deve ao fato de explorar a expressão criativa e simbólica pela arte e complementar a práxis terapêutica, ao supri-la com uma estratégia não verbal de cuidado em prol de explorar e externar a dinâmica do inconsciente, conflitos internos e traumas do sujeito.

Refletindo sobre a complexidade da experiência subjetiva que cada sujeito tem na sua experiência subjetiva a ser abordada no contexto terapêutico — já que muitos têm dificuldade de usar ou de se fazer compreender somente pela linguagem verbal — a arte e/ou a Arteterapia, pode ser uma estratégia importante para desbloquear a expressão no processo terapêutico. Aspecto que favorece com que conteúdos de difícil manifestação encontrem formas de se expressar, de serem vistos, para que possam ser trabalhados, posteriormente, pela linguagem, e, assim, contribuir para a reorganização psíquica e tornando o sujeito ser mais ativo no seu processo terapêutico.

Enfim, a sistematização deste artigo favorece a compreensão da evolução do campo da Arteterapia, legitimando-o academicamente e clinicamente. O que serve como base para futuras investigações e para a formação dos atuais e de novos arteterapeutas.

Referências

- ANDRADE, L. Q. Linhas teóricas em arte-terapia. In: CARVALHO, M. M. M. J. (Coord.). *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia*. São Paulo, SP: Psy II, 1995. p. 39-54.
- ANDRADE, L. Q. *Terapias expressivas: arte-terapia, arte-educação, terapia-artística*. São Paulo, SP: Votor, 2000.
- ANDRIOLI, A. A psicologia da arte no olhar de Osório César: leituras e escritos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 23, n. 4, p. 74-81, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Diário Oficial da União. Brasil. *Portaria nº 971*, de 03 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, 2006. Disponível em <<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971>>. Acesso em 07 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Diário Oficial da União. Brasil. *Portaria nº 849*, de 27 de março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiopraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, 2017. Disponível em <<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849>>. Acesso em 07 set. 2025.
- BRUN, A. Contribuições do conhecimento à escuta psicanalítica. In: CATÃO, A. M. L.; SAMARCOS, A. L. H.; BEATO, C. R. P. S. (Org.). *Psicanálise em tempos pandêmicos: do mal-estar da cultura ao além-do-setting analítico*. Curitiba, PR: CRV, 2022. p. 39-52. Tradução de Roberto Medina. Vol.1: Coleção Psicanálise e pandemia.
- CARVALHO, M. M. M. J.; ANDRADE, L. Q. Breve histórico do uso da arte em psicoterapia. In: CARVALHO, M. M. M. J. (Coord.). *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia*. São Paulo, SP: Psy II, 1995. p. 27-38.
- CESAR, O. *A expressão artística nos alienados: contribuições para o estudo dos símbolos na arte*. São Paulo, SP: Officina Graphicas do Hospital de Juquery, 1929.
- CIORNAI, S. Arteterapia gestáltica. In: CIORNAI, S. (org.) *Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia*. São Paulo, SP: Summus, 2004. p.21-169.
- LIMA, E. M. *Das obras aos procedimentos: ressonâncias entre os campos da Terapia ocupacional e da Arte*. Tese (Doutorado em Psicologia clínica). PUC, São Paulo, SP, 2003.
- MESSIAS, C. L. Arte e psicanálise no tratamento da psicose – proximidades e diferenças entre a proposta de Nise da Silveira e Henry Bauchau. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 28, n. 55, p. 195-226, 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.20396/tematicas.v28i55.14163>>. Acesso em 07 set. 2025.
- REIS, A. C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>>. Acesso em 07 set. 2025.
- SEI, M. B. *Arteterapia e psicanálise*. São Paulo, SP: Zagodoni, 2011.
- SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SOUZA, O. R. S. *Histórico no Mundo e no Brasil: breve histórico da Arteterapia*, 2025. Disponível em <<https://www.amart.com.br/historico>>. Acesso em 07 set. 2025.
- UBAAT - *União Brasileira de Associações de Arteterapia*, 2025. Disponível em <<https://www.ubaat.com.br/>>. Acesso em 07 set. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. *A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias: da patologização ao desenvolvimento criativo*. Curitiba, PR: CRV, 2021a. 266p. Vol.2. Doi: 10.24824/978652511548-1.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. *Arteterapia na saúde: da dor à criatividade*. Curitiba, PR: CRV, 2021b. 166p. Vol.1. Doi: 10.24824/978655868763.4.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; FUSSI, F. E. C. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida: Evolução histórica ao longo de sua trajetória. In: TOMMASI, S. *Diálogos na UNIPAZ Goiás 2021*. Goiânia, GO: Ed. dos Autores, 2025. p. 10-28. Disponível em <file:///C:/Users/User/Downloads/UNIPAZ%202021%20I%20Completo%20(1).pdf>. Acesso em 07 set. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; RODRIGUES, A. C. Arteterapia com familiares de dependentes de drogas: um estudo temático. *Revista Delos*, Curitiba, PR, v. 18, n. 63, p. e3515, 2025. Doi: 10.55905/rdelosv18.n63-034. Disponível em <<https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/3515>>. Acesso em 07 set. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; SILVA, J. M. Arteterapia: possibilidade de intervenção criativa com pessoas adultas com transtornos mentais graves. *Aracê (ARE)*, São José dos Pinhais, PR, v. 7, n. 3, p. 11415–11434, 2025a. Doi: 10.56238/arev7n3-076. Disponível em <<https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/3742/4900>>. Acesso em 07 set. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; SILVA, J. M. Contribuição da Arteterapia na saúde mental: intervenções terapêuticas criativas. *Rev Científica Arteterapia Cores da Vida*, Goiânia, GO, v. 32, n. 1, p. 33-57, 2025b. Disponível em <<https://www.abcaArteterapia.com/revista-cores-da-vida>>. Acesso em 07 set. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. et al. O desenho em Arteterapia com grupo de familiares de dependentes de drogas. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, PR, v. 18, n. 1, p. e15054 (01-18), 2025. Doi: 10.55905/revconv.18n.1-434. Disponível em <<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/15054/8798>>. Acesso em 07 set. 2025.